

Histórias *costuradas*

É o primeiro livro de María Dueñas e reúne os ingredientes necessários para nos agarrar logo na primeira página. *Por Marta Braga*



Sempre se considerou uma boa leitora, mas nunca ambicionou ser escritora. Além disso, a vida académica – é professora – ocupava-lhe muito tempo, “até que houve um momento em que tive vontade”, conta. E com essas linhas coseu ‘Tempo Entre Costuras’, um livro sobre vida, amor, mulheres e... costura. *A época do protectorado espanhol em Marrocos foi o ponto-chave para começar...*

Exactamente. Antes de ter argumento, história ou personagens, queria recuperar essa época, que foi vivida pela minha família. A minha mãe e os meus avós viveram lá muito tempo e tive sempre essa referência. O livro não tem nada a ver com a minha família, mas com a evocação daquele mundo – a mistura de culturas, de pessoas com um passado incerto e um futuro desconhecido. Depois é uma época histórica muito recente, mas muito esquecida e muito pouco tratada na literatura e na narrativa contemporâneas espanholas. Outros países fizeram do seu passado colonial grandes obras. Os ingleses, com a sua passagem pela Índia, os franceses, pela Indochina. Nós, os espanhóis, não tínhamos nada escrito a esse respeito.

Ouvia histórias do protectorado em sua casa?

Era mais a evocação. A minha mãe viveu a sua infância e a sua juventude lá. Quando falava do colégio, dos amigos, dos sítios onde brincava, tudo tinha a ver com Tetuan.

Os seus avós eram espanhóis, mas a sua mãe nasceu em Tetuan...

O meu avô foi trabalhar para Marrocos em 1924, regressou a Espanha, casou-se, voltou para Marrocos e aí nasceram os cinco filhos. A minha mãe era a mais nova.

É uma escritora tardia. Preferiu esperar estes anos para que tudo saísse bem?

Nunca tive essa ambição, chegou quando tinha de chegar, talvez por ter agora tranquilidade e a serenidade para o fazer.

Começou pela pesquisa histórica e só depois foi desenhando as personagens?

Sim. Primeiro fiz toda a pesquisa para o cenário de Marrocos e quando descobri algumas

personagens históricas que me pareceram fascinantes, como o coronel Juan Luís Beigbeder [ministro dos Negócios Estrangeiros em Marrocos] e a sua amante, Rosalinda Fox [casada com Peter Fox]...

Achou que tinha de falar nelas...

Pensei: 'Tenho de contar alguma coisa sobre estas personagens.' Houve uma altura em que pensei num romance histórico, só com elas, enquanto personagens principais. Mas depois apeteceu-me inventar uma história. São personagens que sustentam a história, mas não são as principais. Quando já tinha o cenário, o momento histórico e as personagens, criei a Sira e toda a sua ficção.

A Sira é o ponto de confluência desta obra...

Sim, é ela que faz a conexão dos cenários, das personagens, dos momentos, de tudo.

Pensou sempre numa mulher para o fazer?

Queria escrever na primeira pessoa e era mais fácil dar a minha voz a uma mulher do que a um homem. E também porque me apeteceu que fosse uma protagonista feminina. Não há muitas.

Existem neste livro todos os ingredientes essenciais: amor, traição, guerra, factos históricos, espionagem. É este o segredo do sucesso?

É uma obra que atrai muitos leitores: quem gosta de se identificar com as paixões e as emoções dos protagonistas, encontra isso; os leitores mais académicos e sérios, que gostam de História e de factos, também os encontram; os que gostam mais de aventuras e de espionagem, também. E acho que o êxito se deve a isso. Captou leitores com pontos de vista distintos e interesses diferentes. De uma forma consciente ou inconsciente, por ser professora talvez tenha tentado ensinar algo. E enquanto procurava documentação, descobri dados muito interessantes e quis partilhá-los com os leitores. Então, são as duas coisas: o entretenimento puro, o prazer, mas também o lado pedagógico. Mas não queria que se notasse muito.

Porque é que optou por um atelier de costura para coser a história?

Decidi que a protagonista seria uma mulher independente, com independência económica para não precisar de nada. E nos anos 30, 40, era muito difícil as mulheres serem autónomas. A costura era um dos poucos ofícios que podiam dar a estas mulheres essa independência. Dava-me a possibilidade de a colocar num atelier, que é também um local ideal para a partilha de informação e para que se entre em contacto com mulheres de níveis sociais muito diferentes, porque aí era natural conviverem senhoras de outras esferas sociais e económicas e estarem em

“O livro tem tantos ingredientes, que homens e mulheres vão gostar.”

contacto com Sira. E estabeleciam-se relações de proximidade, o que para mim era muito conveniente, para essas trocas de informação.

É o seu primeiro livro e já está disponível em 20 países. Como é que se sente?

Muito satisfeita e muito feliz. E muito agradecida aos leitores, sobretudo, porque foi quem tornou isso possível, aos críticos, aos meios de comunicação. A recepção foi muito boa.

E a série baseada no livro já arrancou?

Em Espanha, sim, mas viremos também a Portugal. Vai ser uma série de época, muito fiel ao livro. Estão a escolher o casting e os locais...

Este é um livro para mulheres? Ou os homens também vão gostar dele?

Tenho mais leitoras do que leitores, porque as mulheres lêem mais do que os homens. É verdade que talvez pela capa, pelo título, chame mais a atenção delas. Mas eles escrevem-me, falam comigo e estão absolutamente conquistados. Quando eles se interessam, são mais entusiastas do que as mulheres. O livro tem tantos ingredientes, que ambos vão gostar.

Depois há o levantar do véu sobre um universo que é exclusivamente feminino...

É interessante, mas as coisas de que nós, mulheres, gostamos de forma quase natural, aos homens também lhes chama a atenção porque descobrem como que um mundo novo. É como se fosse uma janela aberta para o mundo das mulheres.

Já está a trabalhar no próximo livro?

Sim. Não tenho muito tempo, mas estou.

Vai voltar a juntar factos históricos e ficção?

Um pouco, mas não tanto como aqui. É uma história que mistura presente e passado. Vai haver muito amor, dor, perda, superação, segundas oportunidades...

Como a vida de todos nós?

Como a vida, exactamente.

E os cenários? Entre Espanha e os EUA.

Quer que os leitores sigam viagem?

Mais ou menos [risos]. É um pouco como a minha vida: fazer as malas. Apetece-me algo dinâmico, com mudança de cenários, de momentos. Mas vamos ver, os leitores é que vão decidir. ●